

“QUE HORAS ELAS VOLTAM?”: SENTIDOS DA EDUCAÇÃO PARA FUNCIONÁRIAS TERCEIRIZADAS DO INSTITUTO FEDERAL DO RN

Jacione Borges de Souza¹

Resumo: Esta investigação buscou lançar um olhar sobre os sentimentos que o grupo de mulheres, trabalhadoras terceirizadas do Campus Canguaretama do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, atribuem à educação, como sua formação se deu e como se veem na condição de mulheres trabalhadoras diante da necessidade de retomada dos estudos. Para tanto, atribuímos sentidos às unidades de significação extraídas da entrevista, para subsidiar propostas de políticas públicas voltadas à Educação de Jovens e Adultos, observadas a partir da educação, do gênero e do trabalho. Assim, utilizamos a fenomenologia como metodologia de pesquisa qualitativa, associada ao recurso do cinema como ferramenta de apreciação do fenômeno do corpo, elaborando ficha de análise fílmica do filme *Que horas ela volta*, cujo enredo se aproxima do público alvo desta pesquisa. Pretendemos, com isso, que o resultado aqui obtido possibilite a construção de estratégias para alcançar os grupos de mulheres que, assim como as entrevistas aqui, sentem dificuldade para conciliar trabalho, família e estudo. Muitas vezes desejosas para retornar à escola, contudo o cansaço e o desencorajamento tiram delas a força necessária para continuar. Por tanto, este trabalho permitiu expressar em sentidos o que estudiosos tem registrado em resultados quantitativos, quando se trata de investigação do sujeito da EJA, ao longo dos últimos anos.

Palavras-Chave: Educação de Jovens e Adultos, Trabalho, Gênero, Educação, Cinema.

Sentidos para a vida

Em meio às atividades domésticas de manutenção da casa onde é babá, Val combina com sua amiga Edna para espiarem, pela janela que dá para o jardim, o que Jéssica, filha de Val, tanto fazia trancada no quarto. Sob a supervisão de Val, Edna sobe em uma escada no pretexto de podar um arbusto, enquanto observa o que se passa no quarto, constatando, para surpresa e estranheza das duas, que Jessica passara todo o tempo debruçada entre os livros, realizando seus estudos para o exame vestibular. Entre sussurros e resmungos de Val, Edna desabafa: “Com um livro o dia inteiro... a pessoa fica doida!”.

¹ Estudante da Especialização em Educação de Jovens e Adultos no Contexto da Diversidade, IFRN, Canguaretama. E-mail: <jacibs1@gmail.com>.



Figura 1: Do jardim, Edna e Val observam o que Jéssica está fazendo no quarto.

Fonte: <https://globosatplay.globo.com/canal-brasil/v/6668372/>

A cena descrita é do filme *Que horas ela volta?* (Anna Muylaert) e retrata entre muitos sentimentos o de estranheza, provocado nas empregadas domésticas, Val e Edna, por verem a jovem, filha da empregada, engajada para trilhar um caminho, até então, explorado apenas pelo filho dos “patrões”, pois acreditam não serem capazes devido sua condição social. Surpresa, vergonha, admiração, estranheza, rancor, orgulho, são alguns sentimentos vivenciados pela personagem interpretada por Regina Casé neste filme, que relata a trajetória de uma pernambucana que decide buscar trabalho em São Paulo, deixando a filha Jéssica em Recife, sob os cuidados da família. Passam-se treze anos até que Val recebe uma ligação da sua filha, avisando que está indo morar com ela, em São Paulo.

Não é difícil encontrar pessoas com comportamento e pensamento semelhantes ao de Val, que deixaram algo para trás, pularam etapas, ou que interromperam estudos, buscando no emprego alternativa para manter o sustento. Não é preciso ir muito longe para encontrar representações da personagem “Val”. Elas estão bastante próximas de nós. No *Campus Canguaretama* do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte² é possível identificar situações semelhantes à da personagem de Regina Casé entre os prestadores de serviço terceirizado, que precisaram abandonar os estudos para trabalhar, para manter a família. São homens e mulheres residentes no Município de Canguaretama/RN, o qual registra um dos Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) mais baixo do Estado do Rio Grande do Norte, conforme dados do Censo de 2010³. Apesar da baixa escolaridade foram selecionados para trabalhar no então inaugurado *Campus Canguaretama*, do IFRN, no ano de 2013. Na época, somando um total de 21 (vinte e um) trabalhadores, dos quais 06 (seis) eram mulheres, que realizavam serviços de recepção e limpeza no *campus*, atendendo alunos, servidores docentes e técnicos-administrativos e público externo. Em 2017, houve uma reorganização nos postos de trabalho para melhoria na atuação dos vigilantes, no serviço de segurança do Campus, que coincidiu com

² Doravante, utilizaremos a sigla IFRN.

³ Informação pode ser encontrada no sítio eletrônico:
<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rn/canguaretama/panorama>

o pedido de demissão da recepcionista, fazendo com que o número de mulheres trabalhadoras terceirizadas do campus reduzisse para 05 (cinco), sendo o que se apresenta até a data deste estudo.

Sabemos que historicamente, as mulheres viveram a margem do conhecimento, conforme registra Louro (1997, p. 17): “A segregação social e política a que as mulheres foram historicamente conduzidas tivera como consequência a sua ampla invisibilidade como sujeito”. Por muito tempo foram impedidas de ingressar nas escolas, pois eram espaços restritos aos homens. Limitadas aos afazeres domésticos e cuidados com a família. A luta pelo reconhecimento da igualdade entre mulheres e homens alcançou muitos espaços em sua trajetória, mas ainda é possível identificar situações de desigualdade principalmente para mulheres que vivem entre a população mais pobre. Situação que pode ser apontada em comunidades no entorno onde vivemos, locais que frequentamos, com mulheres que conhecemos, como é possível observar no grupo de terceirizadas do IFRN/Campus Canguaretama. São mulheres com carga horária de 44 (quarenta e quatro) horas semanais, de trabalho no IFRN, que apresentam evidências de sedentarismo e cansaço físico notórios aos olhos de quem as observa. É sobre as experiências dessas mulheres que esta pesquisa pretende se aprofundar. Nesse contexto, lançamo-nos as seguintes questões de pesquisa: Que sentidos essas mulheres atribuem à educação? Como percebem as próprias trajetórias educativas? Como se sentem, enquanto funcionárias terceirizadas, face às demandas de qualificação profissional no mundo do trabalho?

Dito isto, a pesquisa tem como principal propósito desvelar os sentidos atribuídos à educação pelas funcionárias terceirizadas. Para tanto, será necessário compreender os significados relacionados à educação em geral e às próprias experiências educativas por elas vivenciadas enquanto mulheres e trabalhadoras. Pretendemos também revelar como entendem a possibilidade de retorno aos estudos e o investimento em qualificação profissional, diante de um cenário laboral problemático.

A presente pesquisa pretende alcançar, enquanto resultados, a obtenção de dados que possibilitem a construção de projetos voltados a capacitação desses adultos a partir de projetos de educação, a exemplo do Programa de oferta de cursos técnicos de nível médio para Jovens e Adultos (ProEJA), já ofertados por alguns Campi do IFRN; o incentivo a conclusão do ensino em classes para Educação de Jovens e Adultos (EJA), como o Exame Nacional para Certificação de Competência de Jovens e Adultos (Encceja), conforme as necessidades identificadas. Enquadramos aqui também a oferta de qualificação para profissionais da educação a partir do curso de Especialização em EJA no Contexto da Diversidade, ofertado no IFRN/Campus Canguaretama. Estes possíveis resultados aliam-se à realidade observada no Campus em questão, uma vez que, no IFRN/Campus Canguaretama foi possível identificar por muitas vezes nas falas do Diretor-Geral, durante conversas que envolviam a oferta de cursos de Formação Inicial e Continuada, a intenção da gestão em alcançar os trabalhadores e trabalhadoras terceirizados que atuam no campus, o que se converteu em ações que, de maneira pontual, realizou treinamento para as copeiras e, mais recentemente, iniciou um trabalho de alfabetização de alguns dos homens trabalhadores terceirizados. Assim, percebe-se a intenção de envolvê-los em atividades para além das laborais, de forma que promovessem a interação e a formação desse público no fazer educacional do Instituto.

Na intenção de aprofundar o pensamento sobre a temática da formação dessas mulheres, realizamos um levantamento em bancos de dados e depositórios de teses e dissertações. A proposta visou buscar estudos voltados a investigação de como ocorre a formação das mulheres para o trabalho e os sentimentos que permeiam essa construção. Para tanto foram realizadas diversas pesquisas utilizando filtros distintos. Inicialmente, a partir do Portal de Periódicos Capes, aplicando os termos “trajetória formativa”; “EJA”; “mulher”, foram achados 977 artigos com termos relacionados. Destes retiramos 03 estudos voltados a trajetória formativa do educador/professor, do aluno regular, porém sem menção à educação de jovens e adultos ou gênero. Realizada a segunda busca, utilizamos os termos “trajetória formativa”; “terceirizadas”. Obtivemos um total de 23 artigos relacionados, porém nenhum de relevância para o nosso objeto de pesquisa. Ainda no Portal de Periódicos Capes, modificando os elementos da busca para os termos “educação”, “funcionárias” “funcionárias terceirizadas”, “gênero”, obtivemos o resultado de 93 achados, entre os quais foi possível observar artigos que discutem e investigam o gênero no meio educativo, tratando questões de aprendizado, de gravidez na adolescência, a sexualidade para os educandos, entre muitos outros aspectos. Sendo entre os termos da pesquisa “educação” o que se apresenta em basicamente todos os textos. Na busca realizada na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações – BDTD, restringindo o filtro apenas para o termo “trajetória formativa”, foram visualizados 31 artigos, dos quais 02 apresentaram relevância para o assunto, contudo, suas pesquisas também foram direcionadas para a docência. Esses resultados apontam para a carência de investigação no que concerne ao objeto desta pesquisa.

Nesse contexto, a investigação passou por pesquisa nos documentos reguladores do funcionamento dos Institutos Federais, Lei de criação, Plano Político-Pedagógico, Plano de Desenvolvimento Institucional, buscando também conhecimento sobre a oferta de projetos voltados para os terceirizados dos campi ou que ao menos tenha a participação destes. Assim, na Lei nº11.892, de 29 de dezembro de 2008⁴, Lei que Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, e cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, art. 7º, item I, encontramos figurando no primeiro objetivo dos Institutos Federais “ministrar educação profissional técnica de nível médio, prioritariamente na forma de cursos integrados, para os concluintes do ensino fundamental e para o público da educação de jovens e adultos⁵.” Contudo, é possível encontrar no Projeto Político Pedagógico do IFRN o relato histórico do ano de 2006 que registra a oferta de cursos para EJA antes da Lei de criação dos Institutos Federais:

“Ainda nesse mesmo ano, devido ao lançamento do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA), o CEFET-RN começou a atuar na educação

⁴http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=3753-lei-11892-08-if-comentadafinal&Itemid=30192

⁵ Doravante, utilizaremos a sigla EJA.

profissional técnica de nível médio, na modalidade de educação de jovens e adultos,” (PPP IFRN, 2012, p. 25)⁶

Sentidos que fazem voltar

A pesquisa empregou como referencial teórico e metodológico a fenomenologia que “busca conhecer o que determinado fenômeno significa e como ele é experienciado” (Bicudo, 2011, p. 49), levando-nos a refletir sobre os sentidos apresentados pelas 05 (cinco) mulheres participantes deste estudo. As quais serão referenciadas com os pseudônimos: E1, E2, E3, E4 e E5, de forma que possibilite a relação das respectivas falas obtidas na entrevista. Para tanto, elaboramos um roteiro de entrevista com questões abertas, a fim de permitir uma análise qualitativa de suas respostas e entender os sentidos com base nas experiências vividas pelo indivíduo, conforme sugere o pensamento merleau-pontiano. A vida é construída de sentidos experimentados em sua trajetória. Conforme apresenta Nóbrega, o método fenomenológico abre “possibilidades para a interpretação e a compreensão da realidade.” (Nóbrega, 2010, p. 39), possibilitando, assim, a descrição do fenômeno e trazendo à tona a singularidade dos sentidos experimentados pelas entrevistadas.

Nesse argumento metodológico, situa-se, ainda, o recurso ao cinema, em que o visível apresenta no fenômeno do corpo o invisível, o não-dito, mas ao qual chegamos, enquanto pesquisadores, pela imputação de sentidos às imagens. O enredo, os personagens, a montagem, enfim, o filme enquanto artefato estético aponta para os acontecimentos registrados na “vida real”, dando forma às experiências e sentimentos. Podemos então entender que a linguagem fílmica “é, na verdade, linguagem indireta: possibilita modos outros de ver, pensar, sentir e expressar o mundo.” (Lima Neto & Nóbrega, 2014, p. 82). Em muitos momentos, ao assistir uma cena em algum filme é possível nos identificarmos na ação, na reação, no sentimento embutido nos personagens. Como propõem Lima Neto e Nóbrega (2014, p. 87), com base no pensamento merleau-pontiano, esse olhar acontece a partir do “alinhamento de certas relações do mundo diante de nós, do nosso olhar”. Ao longo da discussão acerca das falas das servidoras terceirizadas participantes da pesquisa, estabeleceremos diálogos com cenas do filme já anteriormente citado, um drama, lançado em 2017, em que a cineasta Anna Muylaert põe em destaque a distância entre classes sociais ao expor a rotina de patroa e empregada, retratando a realidade de muitas famílias brasileiras. Um enredo rodeado de atributos, no qual pretendemos buscar relações experimentadas pelas mulheres do grupo investigado, sobretudo no que diz respeito às categorias de gênero, educação e trabalho.

A pesquisa desenvolveu-se nas seguintes etapas: iniciou com uma sondagem teórico-metodológica sobre o instrumento a ser utilizado como ferramenta para aproximação com o fenômeno, pois após “configurada a perspectiva, é momento de dedicarmo-nos à busca dos modos pelos quais podemos obter dados significativos, ou seja, que se mostrem consonantes com a interrogação assumida” (Bicudo, 2011, p. 42). Lançando mão de uma leitura crítico-reflexiva sobre os estudiosos que trabalham teórica e metodologicamente com a fenomenologia (Nóbrega, 2010; Bicudo, 2011; Cavalcanti, 2017; Silva,

⁶ <http://portal.ifrn.edu.br/institucional/arquivos/documento-base-do-ppp>

2018; Galeffi, 2009; Moreira, Simões & Porto, 2005) e com o cinema (Lima Neto & Nóbrega, 2014; Lima Neto; Silva, 2018; Lima Neto, 2018), assim como, com os temas do gênero, da educação e do trabalho (Louro, 1997; Vianna & Ridenti, 1998; Almeida, 2016; Souza & Fonseca, 2013). Dessa busca obtivemos o modelo que adaptamos para construção da Ficha de Apreciação Fílmica⁷ utilizada neste trabalho, apresentada por Lima Neto e Nóbrega (2014, p. 93-94).

Assim, este trabalho se distribui no levantamento das teorias que investigam os sentidos atribuídos pelo indivíduo as experiências experimentadas e que formam e conduzem o ser durante a vida, pois “a fenomenologia de Merleau-Ponty, diferentemente, propõe pensar a sensação a partir de sua inserção numa determinada conduta, manifesta por meio de olhares, movimentos, gestualidades.” (Lima Neto & Nóbrega, 2014, p. 84). Conduzindo-nos à observação do corpo a partir do cinema, de forma que encontramos no filme *Que horas ela volta?* o material necessário para guiar a análise dos sentidos das mulheres. Construindo a ficha de análise fílmica do filme, que serviu de norte para a elaboração do questionário com perguntas semiestruturadas, posteriormente aplicado em formato de grupo focal, registrado em áudio e vídeo, com o uso de câmeras fotográficas e aparelho celular. A análise das respostas transcritas foi utilizada na identificação dos sentidos das entrevistadas, e o resultado apresentado ao final, em resposta ao objeto da pesquisa.

Em seguida, após apreciação do filme *Que horas ela volta?*, foi realizado o preenchimento da Ficha de Apreciação, onde estão registradas as impressões da pesquisadora sob o tema do estudo, cujos tópicos tem a finalidade de auxiliar na análise das entrevistas e na escrita do artigo como um todo. Posteriormente, a película foi exibida para os sujeitos da pesquisa, e na sequência foi realizada a entrevista inspirada no formato de grupo focal, que “consiste na interação entre os participantes e o pesquisador e a coleta de dados, a participar da discussão com foco, em tópicos específicos e diretivos”⁸ (Aschidamini & Suape, 2004, p. 10). O registro foi realizado em vídeo, através de câmeras fotográficas digital, e em áudio, com o auxílio do gravador de áudio de um aparelho de telefonia móvel, na sala de música do IFRN/Campus Canguaretama, que possui acústica e equipamentos multimídia compatíveis para a exibição do filme e gravação. Como roteiro para o grupo focal, foram utilizadas as seguintes questões: 1) Você acha que alguma(s) da(s) situação(ões) vivida(s) pela personagem Val tem a ver com a educação que ela recebeu? Em qual ou em quais cena(s) você viu isso? 2) Você se identifica com alguma(s) situação(ões) apresentada(s) no filme? Com qual ou com quais?; 3) Como você descreveria sua passagem pela escola? Quais são suas memórias desse tempo? 4) Enquanto mulher e trabalhadora, como você se sente hoje no que diz respeito à sua vida profissional? No trabalho, enfrenta dificuldades por ser mulher?

Na sequência, realizou-se a transcrição das falas das entrevistadas, onde buscou-se preservar propositadamente a pronúncia original das palavras, inclusive no que diz respeito a norma culta da Língua Portuguesa, com o objetivo de manter o campo de sentidos inferior ao uso da língua, campo que está ligado à falta de, ou deficiência no acesso à educação formal.

⁷ <https://memoria.ifrn.edu.br/handle/1044/941>

⁸ <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/1700>

Por fim, de posse dos dados, extraímos as unidades de significados, que foram analisadas visando compreender o fenômeno formativo das cinco (05) mulheres que virão à tona logo a seguir.

O levantamento dos dados desta pesquisa iniciou no mês de junho de 2018, concluindo no mês de fevereiro de 2019, assim transcorrendo por um período de oito (08) meses.

O que justifica as escolhas

Partindo da relação *Sobre o corpo e a cultura de movimento* registrada na Ficha de Apreciação do filme *Que hora ela volta*, traçamos um paralelo das unidades de significação com as falas obtidas em resposta as questões apresentadas ao grupo, extraíndo sentidos que tenham alguma relação das mulheres com a rotina da personagem Val. A aproximação com o fenômeno permitiu-nos trazer à tona as seguintes unidades de significação: *confiança*, *cansaço*, *escolha*, *força* e *conformismo*, que serão descritas a seguir.

Hora do trabalho

As unidades de significação apresentadas neste ponto são *confiança* e *cansaço*, conforme foi possível identificar, em suas falas, que enquanto trabalhadoras acreditam em uma relação de respeito entre patrão e empregada. Quando observaram cenas em que há separação do que é de acesso dos patrões e o que é de uso dos empregados, que pode ser representada na cena em que Jessica é surpreendida por Barbara no momento que está tomando o sorvete do Fabinho (filho de Barbara, patroa), e é repreendida por sua mãe (Val, empregada). Aproveitando que a mãe se ausentara da cozinha, Jéssica pega o pote de sorvete, sobre o qual Val tem orientação de servir apenas para o Fabinho, por ser o preferido dele. Nesse momento Barbara entra na cozinha para beber água e flagra Jéssica tomando o sorvete e comenta: “É por isso que o sorvete de Fabinho acaba”. Na sequência Val entra na cozinha e, ao ver o pote de sorvete na mão de Jéssica, trata de pegar para pô-lo de volta na geladeira. No enquadramento da cena o enfoque está na postura de reprovação que Barbara assume diante da atitude de Jéssica, lançando um olhar de crítica, expressando que Jessica não seria bem-vinda. Val, por sua vez, assume a ação do repressor, enquanto Jessica ouve a repreensão com o olhar baixo.

Nas falas de duas das entrevistadas pode-se identificar o desejo de respeito com seus trabalhos, quando E1 comenta que “ali, não queria que a filha da empregada... não participasse de tudo, né? Eu achei assim, estranho. Eu não achei certo, né?!”. E5 falou: “Porque no que a gente trabalhar num pode ter contato com o que eles tem, né?”. É possível perceber certa surpresa na expressão da fala da E1, que relatou nunca ter vivido esse tipo de experiência, conforme registrado no anexo da transcrição da entrevista.



Figura 2: Bárbara flagra Jessica tomando o sorvete de Fabinho. Val repreende Jéssica pelo fato ocorrido.

Fonte: <https://globosatplay.globo.com/canal-brasil/v/6668372/>

Para essas cinco mulheres a relação com o trabalho se deu bem cedo, tornando-se o foco de suas rotinas, onde aplicaram e aplicam sua dedicação por se tratar da fonte de seu sustento e da família, e apesar do sofrimento vivenciados para manter suas famílias E3 lembra com alegria do tempo em que trabalhou no corte da cana de açúcar, e fala “Era bom. Eu gostava, viu? Eu gostava. Era um serviço pesado, mas eu gostava. Era divertido! (risos) Eu num queria perder um dia.”, extraindo da experiência dignidade e satisfação apesar da exposição ao calor e esforço físico a que se sujeitava. Nesse pensamento o filme retrata o momento em que Val se apoia na mureta da área de serviços, após estender as roupas no varal, na continuidade da cena Val recosta o corpo, de forma que se rende ao cansaço do trabalho, em uma exemplificação do que é vivido por muitas mulheres trabalhadoras.



Figura 3 e 4: Sem resistir ao cansaço Val acaba cochilando recostada na mureta da área de serviços da casa.

Fonte: <https://globosatplay.globo.com/canal-brasil/v/6668372/>

O esforço físico exigido pelas atividades domésticas, inerentes ao trabalho de Val, apresentado como referência para este estudo, lançam um olhar sobre o cansaço acarretado por muitas profissões, nas quais estão inseridos

homens e mulheres de classes mais pobres, conforme análise feita por Souza⁹ (2013, p. 28), em dados do IBGE 2009, quando afirma que “no tocante à ocupação no mercado de trabalho, estas ainda, ocupam posições mais precárias na hierarquia das ocupações”. Para as entrevistadas esse cansaço aparece como um fator importante que as conduz ao abandono dos estudos, quando E3 responde que: “Aí, agora já depois de casada, já mãe de filho, voltei a estudar de novo. Aí também trabalho demais, cansada, aí... saí.”. Souza (2013, p. 115) identifica entre muitos aspectos o cansaço como um a ser observado, afirmando que “é predominante entre os que trabalham a dificuldade pela conciliação entre a escola e o trabalho, devido... o cansaço físico por causa das atividades laborais pesadas...”, sendo essas dificuldades observadas para homens e mulheres.

Voltar à escola não era opção

Relacionamos neste ponto a *escolha* como unidade de significado, onde faremos uma análise na relação entre educação e comportamento. Quando foi solicitado que as entrevistadas descrevessem sua passagem pela escola, apresentando alguma lembrança desse período, foi possível perceber a dificuldade que essas mulheres tiveram para se manter na escola e prosseguir com os estudos. São registros de abandono dos estudos motivado por falta de interesse, por dificuldade no aprendizado, por necessidade de promover o sustento da casa, por imposição do marido. Com isso, identificamos nessas mulheres fatores que rodeiam o ambiente dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos, como pode ser confirmado na publicação *Trabalhando com a Educação de Jovens e Adultos*¹⁰, *caderno Alunas e Alunos da EJA*, distribuída pelo Ministério da Educação. São falas como a da E1: “Então, decidi parar de estudar. ...Aí quando eu voltei, não deu pra mim terminar também, daí eu desisti de novo... Era difícil, porque a gente chegava ainda ia pegar ônibus pra ir pra casa, ... Pra mãe, tomar conta da casa, aí eu desisti... depois de casada voltei a estudar, mas o meu esposo não permitiu que eu terminasse”, ou a de E2, que registrou que “Eu não estudei porque eu não quis. Não gosto de estudar.”, e a fala de E3, que relata que “eu não estudei porque nova demais. Minha mãe botou logo eu pra fazer as coisas... E também, fui, casei nova demais. Aí o marido com ciúmes tirou eu da escola, também.”, enquanto E4 falou que “Eu realmente desisti de estudar, mas foi devido família mesmo. Porque eu trabalhava. Aí no trabalho mesmo eu estudava. Porque eu tive uma oportunidade de estudar no ‘Agra’ pela empresa. Lá em Barra¹¹. Só que aí foi o período que meu filho começou a se envolver com coisas que não devia e eu tive que... esse tempo que eu dedicaria ao estudo tava faltando na educação dele. Desisti. Me decidi, só no trabalho e ser mãe.”

Nesse último registro é possível perceber na fala da E4 um sentimento de culpa, como se estivesse negligenciando a educação do filho em prol de sua própria educação. Reforçando a proposta de que a formação dos filhos depende do acompanhamento dos pais. Essa fala da E4 surgiu com uma carga emocional, onde lágrimas representaram o sofrimento vivenciado pela entrevistada.

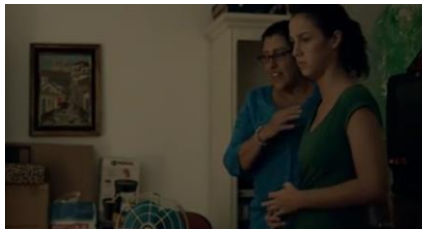
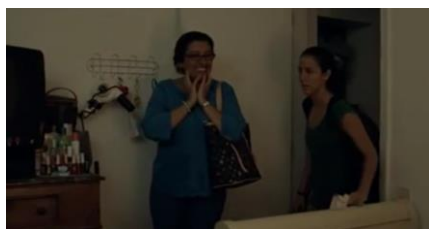
⁹ https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/4897/1/LUCYANA_SOBRAL_SOUZA.pdf

¹⁰ http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja_caderno1.pdf

¹¹ Barra do Cunhaú, paria do município de Canguaretama/RN.

A relevância da educação para algumas pessoas é o que as conduzem para investir ou não seus esforços em buscar algo a partir do conhecimento e é nas classes sociais mais baixas que percebemos, a partir da reprodução de ideias e concepções construídas ao longo da história. Conceitos a respeito do comportamento dos gêneros, atribuindo aos sujeitos papéis que não podem ser abandonados, como registra Vianna e Ridenti (1998, p. 96 e 98): “O gênero começou a ser utilizado como uma maneira de se referir à organização social entre sexos”, cabendo à mulher um papel único de “fêmea, sendo, portanto, nutridora, maternal e habilitada para criar os filhos; diferenças essas que acabam se estendendo a outros campos por intermédio de mecanismos ideológicos”.

No filme percebemos momentos nos quais podemos exemplificar na expressão das personagens Val e Jéssica, a distância na compreensão atribuída à educação. Destacamos a cena em que Jéssica após desembarcar em São Paulo/SP, chega à casa onde Val trabalha. Quando Val mostra o quarto onde ficaram provisoriamente, Jéssica, com olhar de decepção e descontentamento, pergunta “E onde é que eu vou estudar aqui?”. Val, porém, não dá importância à pergunta da filha e segue com as apresentações.



Figuras 5 : Val apresenta entusiasmada o quarto que dividirá com Jessica.

Figura 6: Jéssica expressa um ar de desapontamento e preocupação por não ter espaço para estudar.

Fonte: <https://globosatplay.globo.com/canal-brasil/v/6668372/>

Do ponto de vista de Val aquele espaço atendia às necessidades das duas. Era com aquele espaço que teriam que se contentar. Em contraponto sua filha quebrando paradigmas, entende que aquela situação não satisfaz, pois quer trilhar um caminho diferente para alcançar uma igualdade de classes, alimentando o desejo pela educação. Desejo despertado pela influência de um professor na vida escolar de Jéssica, em semelhança com o que vivenciou E1, mas que não envidou esforço suficiente, quando relatou que “Eu tirei um, em matemática! Ela me deu os pontos e pediu que eu... perguntou se, você promete se você passar você vai continuar? Você não vai desistir?”.

Entre os relatos é possível identificar intenções de retorno aos estudos por poucas, como registra E5, que diz “Eu concluí, né, o terceiro ano... Eu penso em fazer um curso. Eu fiz o curso técnico. Num terminei de concluí ele, não.” Contudo ainda expressa a dificuldade para que essa intenção se concretize. Chega a transparecer um ar de frustração.

Elas voltam para os seus

Abdicarem da própria educação para cuidar da família nos faz atribuir à *força* e ao *conformismo* caráter de unidades de significação ligadas ao corpo e ao

gênero, registrando que todas as entrevistadas concordaram que passam por dificuldades para dar conta dos afazeres domésticos, cuidar dos filhos e também trabalhar, sendo para elas um fator benéfico, apesar do cansaço. Destacando o fato de não ter marido causar maior complexidade, devido a falta de alguém com quem dividir as obrigações da casa e dos filhos.

Na intenção de abordar melhor a discussão do tema, foi perguntado se elas associavam as dificuldades enfrentadas por elas ao fato de serem mulheres, se achavam que para os homens seria diferente. Foram obtidas, assim, algumas respostas que inferiram igualdade entre os gêneros, de forma que em parte não fizeram distinção e até expressaram mais coragem por parte das mulheres no enfrentamento de tarefas cotidianas, quando se trata da jornada dupla a que todas estão sujeitas. Isso é perceptível nas falas da E1, que diz que “Tanto a mulher quanto o homem tem dificuldade em algumas coisas.”, E2 registrou que “como mulher já fiz serviço de homem.”, E5 falou que “Eu chamo uma vez, né? Tem pra fazer. Vê não faz, eu vou lá e faço.”, e para E4 “As mulheres são mais guerreiras”. Há, assim, nessas falas um destaque para a valorização do gênero, por parte do grupo.

Ainda analisando a compreensão do gênero, para E2 foi observada a dificuldade em ter que deixar os filhos sob os cuidados de outros devido a necessidade de trabalhar para sustento, sendo esse um fator de sofrimento, pois o relato acompanha choro e tristeza, como na fala “eu tinha que precisa de trabalhar e meus filho ficar abandonado”. Por consequência, teve que abandonar o emprego. Enquanto E4 não teve com quem deixar os sete filhos, porém não deixou de trabalhar. Com base nesses dois relatos faremos um recorte associando com o quadro em que Val descobre que é avó e que Jessica deixou seu filho, então neto de Val, para ser criado pela família em Pernambuco, repetindo, assim, a história vivida por Val. Na cena que tem como cenário faixadas de casas do subúrbio da cidade de São Paulo, Jéssica tenta resistir ao interrogatório sob o olhar atento de sua mãe (Val), que segura uma foto encontrada entre os livros de Jessica, com o rosto de um garotinho, até que Jéssica não resiste a pressão e confirma que a criança na foto é seu filho, Jorge.



Figura 3: Val descobre que Jéssica tem um filho, que deixou em Pernambuco.

Fonte: <https://globosatplay.globo.com/canal-brasil/v/6668372/>

A partir deste ponto, vemos então, um ensaio da diretora do filme em fazer um contraponto, a partir da escolha de Jéssica, que busca conquistar o sonho da faculdade, contando com o apoio de sua mãe Val, que se propõe a cuidar do neto, expondo uma proposta de mudança do paradigma da mulher dona de casa, apresentado no subcapítulo anterior, esboçado no pensamento de Vianna e Ridenti (1998, p. 98), que utiliza os papéis de mulheres restritas ao ambiente doméstico “para descrever a dimensão da construção social dos papéis e das identidades de gênero”, que retirou de muitas o direito a frequentar a escola. Pensamento corroborado nos estudos de Souza e Fonseca (2013, p. 259) que toma como “um discurso que não se cansa de reatualizar-se no estabelecimento delas como responsáveis pelo cuidado com a prole e com a casa, ainda tomada como território feminino.”

Considerações finais: a que horas elas voltam?

Pensar educação para jovens e adultos implicar alinhar políticas públicas, currículo e histórico de vida dos sujeitos. Entender o universo que permeia a formação dessas pessoas que, por algum motivo ou circunstância, deixaram os estudos em prol de algo que consideraram justificável pode ajudar a se pensar novas políticas.

Os governos lançam leis, as entidades educativas constroem seus currículos, os alunos se matriculam, mas, alguns desses últimos não irá concluir os estudos. Pesquisadores tem se dedicado no levantamento de dados em prol da melhoria na oferta e na qualidade da educação, porém a passos lentos, quando lemos as dificuldades registradas pelos pesquisadores em espaços escolares, como podemos encontrar nos textos de Magda Soares *Letramento e alfabetização: as muitas facetas*, que falam sobre o caminho percorrido pela alfabetização, e de Sônia Maria Rummert *A educação de jovens adultos brasileiros século XXI: O novo que reitera antiga destituição de direitos*, entre muitos outros.

Observando a EJA a partir das mulheres terceirizadas do IFRN/Campus Canguaretama, entendemos que sobrevivência social é a principal justificativa apresentada. Sendo o amor dessas mulheres pelos seus o que as fez abdicar da continuidade de sua formação em benefício da família.

Nesse sentido, da perspectiva do fenômeno apresentado nos sentidos dessas mulheres manter a casa está acima da necessidade da educação, considerando, ainda por elas, a idade um fator negativo para insistir com os estudos, agravada pelo cansaço quando somadas com a jornada de trabalho formal, dessa maneira desconsiderando a possibilidade de retorno à escola. Reproduzem, assim, o pensamento de que a mulher precisa cuidar da casa, conformando-se com a realidade vivida, acreditando ser a única possibilidade viável.

Percebe-se aqui que falta para essas mulheres motivação pessoal para que retomem os estudos. O desinteresse é consequência da soma de fatores como jornada dupla, que ocasiona o cansaço, e o sustento da família, que entre os sujeitos deste estudo recai exclusivamente sobre a mulher.

Desse ponto de vista, a construção de propostas para conduzir esses sujeitos à busca pela continuidade da educação e permanência na escola implica em um apanhado de ações conjuntas que consigam suprir o atendimento do

sustento da família, leia-se aqui, atendimento escolar em tempo integral para os filhos aliado à uma modalidade de emprego que se possível permita uma flexibilidade no horário, e um melhor direcionamento da dinâmica aplicada à EJA, a exemplo da oferta de turmas no local de trabalho, conforme relato de E4, que viveu a experiência, porém não usufruiu a contento devido a necessidade de assistência ao seu filho.

Aproximar-se do mundo, da realidade do indivíduo permite perceber o que o motiva, o que o faz tomar decisões. Necessidades, escolhas, conformismos, cansaço, e tantos outros sentidos podem ser atribuídos ao percurso formativo do educando, pois fazem parte da vida todos os indivíduos. Explorar esses sentidos talvez seja o caminho para que essas pessoas alcancem a educação. Assim, corroborando com estudos que levantaram quantitativamente dados sobre o perfil do público de EJA, esta pesquisa revela os sentidos por trás dos números, apresentando o fenômeno que antecede a ação para essas mulheres.

Referências

ALMEIDA, Adriana. (2016). *EJA: uma educação para o trabalho ou para a classe trabalhadora?* Salvador: Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos, vol. 4, 129-147. Recuperada em 11 de janeiro, 2019, de <https://www.revistas.uneb.br/index.php/educajovenseadultos/article/view/3095>

BICUDO, M. A. V. (2011). *Pesquisa Qualitativa: segundo a visão fenomenológica*. São Paulo: Cortez Editora.

CAVALCANTI, L. M. B. (2017). *Dor, sofrimento e educação: a filigrana das experiências na ginástica rítmica*. Repositório Institucional da UFRN. Recuperado em 25 de agosto, 2018, de https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/23959/1/LoretaMeloBezerraCavalcanti_TESE.pdf

GALEFFI, DA. (2009). *O rigor nas pesquisas qualitativas - uma abordagem fenomenológica em chave transdisciplinar*. Salvador: EDUFBA, 13-73.

LIMA NETO, A. A. & NÓBREGA, T.P. (2014). *Corpo, cinema e educação: cartografias do ver*. Revista Hollus, vol. 5, 81-97.

LIMA NETO, A. A. (2018). *O cinema como educação do olhar*. São Paulo: Liber Ars.

LOURO, G. L. (1997). *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes.

MOREIRA, W.W.; SIMÕES, R.; PORTO, E. (2005). *Análise de conteúdo: técnica de elaboração e análise de unidades de significado*. R. bras. Ci e Mov. 2005; 13(4): 107-114. Recuperado em 29 de janeiro, 2019, de <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/download/665/676>

NÓBREGA, T. P. (2010). *Uma Fenomenologia do corpo*. São Paulo: Editora Livraria da Física.

_____. (2016). *Corporeidade: inspirações merleau-pontianas*. Natal: IFRN.

_____. (2018). *Estesia: corpo, fenomenologia e movimento* (2018), São Paulo: Liber Ars.

SILVA, L. A. N. (2018). *No caminho dos pés e das mãos: a experiência do corpo como fenômeno educativo no Taekwondo*. Repositório Institucional da UFRN. Recuperado em 1 de dezembro, 2018, de <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/25900>

SOUZA, M. C. R. F. de & FONSECA, M. C. F. R. (2013) *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo: Cad. Pesqui. vol.43 no.148.

VIANNA, Cláudia & RIDENTI, Sandra. (1998). *Relações de gênero e escola: das diferenças ao preconceito*. São Paulo: Summus, 93-106.